

UM INESQUECÍVEL AMIGO

por Mário Soares

Faz um ano que morreu o querido Aparecido de Oliveira. Era um homem extraordinário, pela sua humanidade e sentido de fraternidade. Inolvidável, também, pelo seu amor a Portugal.

Foi um pioneiro na luta em favor da língua portuguesa no Mundo. Conselheiro do Presidente Jânio Quadros, tendo participado na recepção no Recife do Santa Maria, crismado de Santa Liberdade, raptado por Henrique Galvão - na operação publicitária com maior repercussão internacional contra a ditadura e o colonialismo - deputado "caçado" durante a ditadura militar brasileira, foi governador de Brasília e ministro da Cultura do Governo do Presidente Sarney, quando a Constituição Brasileira inscreveu no texto um artigo explícito e patriótico brasileiro afirmando que "o idioma falado no Brasil é a língua portuguesa".

Jornalista e político, homem cordial e sociável por excelência, José Aparecido de Oliveira, tinha amigos dedicados, obviamente, em todo o Brasil - conhecia toda a gente - e tinha amigos em diversos continentes e, em especial, no amplo espaço da Lusofonia, que várias vezes visitou.

Foi um excelente e incansável embaixador do Brasil em Portugal, por onde passaram eminentes personalidades da diplomacia e da cultura brasileira, como Álvaro Lins e Alberto da Costa e Silva, que foi depois Presidente da Academia Brasileira de Letras, para só citar dois que espontaneamente recordo. Contudo, José Aparecido não foi mais um embaixador: foi o embaixador, que exerceu o seu mandato durante toda a presidência de Itamar Franco, recusando ser ministro dos Assuntos Exteriores para continuar em Lisboa.

Aliás, nesse tempo, organizámos, Aparecido e eu, uma cerimónia solene, na Embaixada do Brasil em Lisboa, de "reabilitação" do "valoroso alferes" Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, em 7 de Setembro de 1994, dia da independência do Brasil, dado que um "herói brasileiro", nos tempos de hoje, tem de ser, necessariamente, considerado como um "herói português", como aliás são Mário Pinto de Andrade, Samora Machel, Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Nino Vieira, Miguel Trovoada e Xanana Gusmão, que tanto lutaram pelas suas respectivas independências. Hoje, como fez António José de Almeida, no Brasil, devemos também agradecer-lhes "terem tornado as suas respectivas Pátrias independentes".

José Aparecido foi um entusiástico da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) para a qual trabalhou, longos anos, como ninguém. Foi um erro imperdoável, da parte brasileira e portuguesa, que não tivesse sido designado para ser o primeiro secretário da Organização, por meras razões mesquinhas e politiqueras.

José Aparecido era um mineiro de gema, de grande coração, generosidade e abertura de espírito. Talvez o seu imenso amor por Portugal viesse daí das profundas e velhas raízes culturais e humanas que ligam Brasil e Portugal, a esse importante Estado do Brasil. Foi ele, Aparecido, que me deu a conhecer a história, a arte e a gastronomia do seu Estado, cheio de reminiscências portuguesas e me apresentou ao escol dos seus inúmeros amigos, artistas e intelectuais. Levou-me à sua Terra, Conceição do Mato Dentro e foi com ele - não o posso esquecer - que visitei em Juiz de Fora a Casa Museu Murilo Mendes onde está todo o acervo de arte, valiosíssimo e de excepcional qualidade, que o grande poeta colecionou durante toda a vida e que sua Mulher, Saudade Cortesão, filha do grande historiador, Jaime Cortesão, com exemplar nobreza, instalou, como Murilo desejava, na sua terra natal.

Também, noutro plano, enfrentámos em comum a chamada "crise dos dentistas brasileiros" que ameaçou pôr em causa as relações diplomáticas luso-brasileiras.

Quando passa o primeiro aniversário do falecimento de José Aparecido de Oliveira, curvo-me, comovidamente, perante a sua Memória, cumprimento respeitosamente sua Mulher e Filhos e felicito José Carlos Vasconcelos, seu amigo muito próximo e admirador, pela justíssima homenagem que o Jornal de Letras, de que é director, lhe dedica.

Lisboa, 11 de Julho de 2008